

O livro parte de uma visão global onde é analisado o papel da Igreja Católica no Brasil com relação à escravidão para focalizar um estudo de caso da família do ex-escravo Nicolau à qual pertence, aliás, o próprio autor do livro.

Uma das questões que chama a atenção do leitor é o fato de que, ao mesmo tempo em que a Igreja Católica apoiava e legitimava a escravidão, via os negros sob a ótica da catequese, ou seja, almas a serem convertidas. Como consequência dessa ambigüidade resultou para os negros a oportunidade de serem alfabetizados. Neste momento o negro escravo passa a ter um outro tipo de registro que não somente o da história oral e sim o da história escrita, abrindo, portanto, para nós o rosto oculto da história oficial.

A tese principal do autor é de que as fazendas do Mosteiro de São Bento (fazendas de São Caetano e São Bernardo) foram locais ideais para a preservação das comunidades negras, onde se pôde reproduzir uma determinada formação familiar originária da cultura africana Iorubá, a chamada família extensa. Esta foi o ventre da preservação da identidade africana da família do autor, que, aliás, pertence à sua nona geração, compreendendo no total 74 negros escravos e 43 negros livres.

Na procura de seu mito fundador, o autor reconstrói por meio de documentos, fotografias e depoimentos (na medida do possível) a vida cotidiana e a mentalidade dos negros das duas fazendas. A principal documentação vem de Nicolau – bisavô do autor – que nascera escravo nas senzalas da Fazenda de São Caetano, filho da escrava Guilermína com o abade frei de São Bento dos Santos Pereira. A trajetória de vida de Nicolau nos mostra um outro lado da existência dos ex-escravos: o do ingresso dos negros nas camadas baixas da sociedade brasileira. No que concerne a Nicolau, já adulto, sua trajetória o faz ingressar nas camadas médias. Tanto econômica quanto culturalmente o seu nível de vida é bem diferente do que nos mostra os registros de vários livros de história sobre o assunto.

O autor, portanto, retira o negro da porta dos fundos da história oficial e lhe dá um rosto, recolocando-o assim como um dos personagens principais e atuantes da vida cultural brasileira: personagem que não só interage com o seu momento histórico mas também reproduz, a partir de seu universo simbólico, a efervescência social de seu tempo.

Maria de Lourdes Beldi de Alcântara
(Doutoranda do Departamento de Sociologia –USP)

* * *

Reginaldo Prandi. *Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, 261 p.

Para o leitor pouco familiarizado com o candomblé. *Os candomblés de São Paulo* apresenta um descrição detalhada e abrangente das concepções e práticas fundamentais desta religião: o processo de iniciação, a hierarquia interna e a organização do terreiro, a relação do adepto com os orixás, o panteão afro-brasileiro, a caracterização dos orixás e de seus "filhos", as diferenças e semelhanças com relação ao culto africano, o papel do oráculo, os valores sagrados, o papel da magia,

as trocas materiais e simbólicas entre os pais e mães-de-santo de todo o território brasileiro, a relação com os clientes, as mudanças de filiação e o parentesco religioso. Mas o livro apresenta mais do que isto, dirigindo-se sobretudo ao leitor já "iniciado". Apresenta uma análise crítica e inovadora da religião em seu contexto social, marcado por um estilo de subjetividade próprio.

Continuidade e ruptura: dois procedimentos fundamentais, tanto com relação aos aspectos construtivos do livro, como quanto à forma segundo a qual o candomblé se instalou e se reproduziu na capital paulistana. É justamente na relação entre a tradição e o novo que se encontra a riqueza desta análise que, sustentada por uma pesquisa de campo minuciosa e abrangente, busca responder uma questão fundamental: como o candomblé – religião tradicionalmente identificada com a população e a cultura negras – começou a se instalar, em São Paulo, há pouco mais de vinte anos, e multiplicou-se como religião universal, transformando-se numa alternativa religiosa demograficamente importante e sociologicamente expressiva, deixando de se caracterizar como religião restrita à "comunidade negra".

Ao colocar esta questão no centro de sua reflexão, Reginaldo Prandi propõe uma abordagem que se distancia daquela que encontramos em grande parte da bibliografia sociológica e antropológica sobre o candomblé, que dá ênfase ao vínculo da religião com o grupo étnico ao qual ela se liga, e que acabou por eleger os terreiros baianos de filiação jeje-nagô como modelo paradigmático de culto aos orixás, tanto entre os pesquisadores como entre os próprios grupos religiosos, os quais tomam essa bibliografia não só como fonte através da qual recuperam mitos, práticas rituais, cantigas e significados esquecidos, mas também como fonte capaz de legitimar e valorizar sua prática religiosa (aspecto para o qual o próprio autor chama a atenção). Na definição de seu universo de pesquisa, Prandi procura abranger a maior diversidade de ritos ou "nações" de candomblé presentes em São Paulo na seleção de terreiros pesquisados, dando importância a todos eles, com a intenção de mostrar as diferenças e semelhanças entre as diversas "nações" e a disputa com relação à "legitimidade", origem, tradição, que remetem a África não mais como espaço da negritude, mas como lugar de onde provém o "fundamento" do candomblé.

A expansão do candomblé, enquanto religião que se apresenta como uma entre as muitas opções de contato com o sagrado e de explicação de dimensões do mundo contemporâneo das quais o pensamento puramente racional não consegue dar conta, passa a ser compreendida não só a partir dos elementos internos ao candomblé, mas também de como estes elementos foram e têm sido trabalhados criativamente na elaboração de uma nova prática religiosa que, embora mantenha vínculos estreitos com a tradição, torna-se outra no seu processo de expansão, à medida que dialoga com as demandas externas e constrói novos vínculos sociais, segundo o autor, os candomblés paulistanos reinventam a tradição, sobretudo voltando-se para a África, já que sua expansão em São Paulo é bastante recente e teve origem a partir da umbanda, da qual procuram hoje se distanciar cada vez mais. Este distanciamento representa também uma negação do código moral ocidental presente na umbanda, considerando a questão moral como exterior à religião.

As respostas à questão central do livro vão se explicitando através da contextualização crescente do candomblé no conjunto das religiões e na sociedade, além do aprofundamento da descrição e análise das práticas e das concepções específicas desta religião, dentro de uma perspectiva histórica e comparativa. Algumas teses fundamentais são tomadas como pano de fundo para a análise. Se a religião é, para o seu adepto, a decifração da sociedade ("a privação da dúvida"), para o cientista social é a sociedade que fornece a chave para a compreensão da religião: "A sociedade é a esfinge", a fonte geradora de perguntas para o pesquisador. A análise das mudanças na religião permite

compreender as mudanças na sociedade. As transformações no modelo de sociedade colocam novas necessidades para os sujeitos individuais e acabam se refletindo nas escolhas religiosas. É sob esta perspectiva que vemos a entrada do kardecismo no Brasil, as transformações no culto e doutrina católica, a expansão do pentecostalismo, o movimento histórico de expansão primeiro da umbanda e depois do candomblé, cada qual respondendo a demandas sociais e individuais específicas.

A valorização do eu, do individualismo, a busca constante pela mobilidade social ascendente são valores que encontram ressonância no candomblé, que concebe a felicidade neste mundo como um valor sagrado a ser realizado. Por não impor um código moral aos seus adeptos, constitui-se como religião a-ética, que opõe a manipulação do mundo através da magia à doutrina de mudança de mentalidade e conduta propagada principalmente pelas religiões cristãs. Assim, o candomblé permite ao iniciado ser o que ele é, além de permitir uma expansão do seu "eu" através das qualidades dos orixás, do transe, da participação na comunidade de culto.

A análise se aprofunda cada vez mais nos significados das ações do "povo-de-santo", chegando a abranger a relação entre o candomblé e a economia informal. São exploradas suas dimensões econômicas de meio de mobilidade social, de trabalho, lúdicas, mas tudo isto sem descaracterizá-lo como religião, uma religião iniciática, de mistérios, de transe e que, neste mundo desmágicizado, tem a magia como elemento constitutivo. Ao chegar à última página do livro, o leitor pode realmente dizer que compreendeu um pouco o candomblé, mas também a sua sociedade: religião e sociedade iluminam-se mutuamente.

Luciana Ferreira Moura Mendonça
(Mestranda do Departamento de Antropologia – USP)

* * *

Vidal, Lux (org.). *Grafismo indígena. Ensaio de antropologia estética*.
São Paulo, Studio Nobel/Edusp, FAPESP, 1992.

Este livro sobre grafismo indígena é, sem dúvida, um belo estudo da estética. Mas é muito mais que isso: juntando trabalhos de etnólogos com grande experiência em campo e amplo conhecimento das sociedades estudadas, é um trabalho sério de antropologia – sem ser, por isso, menos belo.

O interesse da atividade estética indígena não se limita à produção em si: sem deixar de lado um estudo detalhado dessa produção quanto a materiais, suportes e motivos, ele se dá, complementarmente, na verificação do que essa atividade nos conta sobre a sociedade, ou seja, do que é dito nela. Tendo sido esse um estudo relegado a segundo plano por se ter considerado as atividades artísticas independente do contexto, o trabalho aqui é o da demonstração de que nelas estão presentes "idéias subjacentes a campos e domínios sociais, religiosos e cognitivos de modo geral" (p. 13). É ao